



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Faculdade de Ciências - Bauru



**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS ESCOLARES:  
REFLEXÕES SOBRE DOIS CENÁRIOS**

**MARÍLIA BALDOINO DOS SANTOS**

**Bauru  
2019**

**MARÍLIA BALDOINO DOS SANTOS**

**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS ESCOLARES ESTADUAIS:  
REFLEXÕES SOBRE DOIS CENÁRIOS**

Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, como um dos requisitos para obtenção do título de licenciada em Educação Física.

**Bauru**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, que sempre me apoiou em minhas decisões e me deu todo o suporte possível para que eu conseguisse concluir essa etapa tão importante da minha vida, em especial, minha mãe Aline, meu pai João Bosco, meus avós Cleusa e Flavio e meus tios Pedro Henrique e Danielle. Ao meu namorado Renan, que se tornou meu melhor amigo e companheiro. Aos meus amigos de minha cidade Hamilton, João Pedro, Mayara, Rhuan, Victor e Pedro que mesmo à distância e com a diferença de pensamentos, estiveram sempre presentes e não me abandonaram. Aos amigos que fiz em Bauru, em especial a alguns da minha sala, Mari, Josias, Antonio, Naim, as meninas da minha casa Pilon e Ary e dos meus times do Futebol e do Futsal, Raissa, Juliana, Yasmin e Isabella.

Agradeço aos projetos de extensão que fiz parte, o Futebol Escola, o PIBID e ao Brincando e Dialogando, neles, construí amizades para a vida toda e o mais importante, um conhecimento que iriei carregar comigo por toda minha carreira profissional, mais precisamente agradeço ao Rian, minha dupla de PIBID, a professora doutora Denise, coordenadora do Brincando e Dialogando e a professora Suzi, professora de Educação Física do mesmo projeto.

Agradeço aos meus professores, em especial minha orientadora, por sempre ter sido bem mais que uma professora, mas sim uma amiga nessa jornada.

## RESUMO

Desde a década de 1950 o esporte tem ganhado relevo nas aulas de Educação Física e se estabelecendo como hegemônico nas décadas seguintes, sendo bastante influenciado pelo esporte de rendimento. Os Jogos Escolares surgem com estas referências, se estabelecendo como um espaço de exploração e difusão do esporte dentro da cultura escolar. A perspectiva da cultura corporal de movimento que circunscreveu o objeto pedagógico da Educação Física na escola trouxe novas reflexões para se pensar o conteúdo esporte, porém, as aulas de Educação Física e os Jogos Escolares costumam se dar num campo ambíguo entre esta nova configuração e a tradição esportiva. Neste sentido, este estudo teve como objetivo analisar as relações das aulas de Educação Física com os Jogos Escolares nas perspectivas dos estudantes. A investigação, assentada na abordagem qualitativa, se pautou por um estudo descritivo. A coleta foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e observação sistemática dos treinos que eram voltados para a preparação de um grupo de estudantes para os Jogos Escolares. Os resultados apontaram que o esporte de rendimento ainda está enraizado na escola, os treinos e as aulas de Educação Física se confundiam dentro do contexto escolar e os alunos participantes e não participantes manifestaram perspectivas distintas a respeito dos Jogos Escolares. Concluiu-se que os conteúdos desenvolvidos nos treinos e nas aulas de Educação Física eram praticamente os mesmos, os estudantes participantes dos Jogos Escolares não apresentaram muitos elementos para mudanças na operacionalização de tais jogos, explicitando uma acomodação com o modelo vigente, já os não participantes, em alguns momentos, disseram que se sentiam excluídos dos jogos, pois tinham vontade de participar, todavia encontravam empecilhos para isso, dentre estes não participantes, foi evidenciando certa incompreensão sobre a dinâmica e estrutura dos Jogos Escolares Estaduais de São Paulo.

**Palavras chave:** Jogos Escolares, Educação Física Escolar, Competição na Escola

## ABSTRACT

Since the 1950s the sport has gained prominence in Physical Education classes and established itself as hegemonic in the following decades, being greatly influenced by the performance sport. The School Games emerge with these references, establishing themselves as a space for exploration and diffusion of sport within the school culture. The perspective of the body culture of movement that circumscribed the pedagogical object of Physical Education at school brought new reflections to think about sport content. However, Physical Education classes and School Games usually take place in an ambiguous field between this new configuration and the sports tradition. In this sense, this study aimed to analyze the relationship between Physical Education classes and School Games in the perspectives of students. The research, based on the qualitative approach, was guided by a descriptive study. The collection was done through semi-structured interviews and systematic observation of the training sessions that were aimed at preparing a group of students for the School Games. The results pointed out that performance sports are still rooted in school, training and physical education classes were confounded within the school context and the participating and non-participating students expressed different perspectives regarding the School Games. The contents developed in training and Physical Education classes were practically the same. Students participating in the School Games did not present many elements for changes in the operationalization of such games, explaining an accommodation with the current model. The non-participants, in some moments, said that they felt excluded from the games, because they wanted to participate, but found obstacles to it. Among these non-participants, it was evidencing some misunderstanding about the dynamics and structure of the School Games.

**Keyword:** Sports at school, Physical Education at school, Competitions at school.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	10
ESPORTES NA ESCOLA	
CAPÍTULO II .....	19
COMPETIÇÃO NA ESCOLA	
CAPÍTULO III .....	25
METODOLOGIA	
CAPÍTULO IV.....	32
AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO	
CAPÍTULO V .....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS .....	46
APENDICÊS.....	48

## INTRODUÇÃO

A Educação Física se mostra como um espaço muito rico e diversificado dentro do contexto escolar, são variadas as áreas da cultura corporal de movimento na Educação Física que podem ser exploradas dentro desse contexto, mas o que acontece quando em alguns ambientes escolares há apenas a preferência por um único conteúdo e se este é explorado de forma não integral? Isso é o que pode ser visto a respeito do esporte dentro da Educação Física escolar, assim como aponta Ilha e Hypolito (2015):

Importa destacar que os esportes são conteúdos previstos no currículo do componente e não se nega sua importância, porém, algumas modalidades têm ocupado espaço demasiado diante da gama dos saberes da Educação Física possíveis de serem trabalhados na escola, bem como os modos de trata-los. São justamente essas dimensões privilegiadas nas práticas curriculares da disciplina que aqui se denomina esportivização, nomeando o dispositivo em questão. (ILHA E HYPOLITO, 2015, p. 4)

Ainda sobre o esporte na aula de Educação Física, tem-se a face da competição, característica marcante desse seguimento curricular que não pode ser negado. Um dos eventos em que mais encontra-se essa face da competição, seriam os Jogos Escolares, um dos objetos centrais desse estudo. Os Jogos Escolares, principalmente, os Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP) caracterizam-se como um evento esportivo que ocorre anualmente, promovido pela Secretaria de Esporte, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo, tendo a participação de alunos de escolas estaduais, municipais e particulares do estado, a competição é dividida em quatro categorias, a Pré-Mirim (até 12 anos), Mirim (até 14 anos), Infantil (até 17 anos) e Juvenil (até 18 anos). Os objetivos dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo são: promoção da prática esportiva; intercâmbio entre alunos de diferentes unidades escolares da rede de ensino do Estado, bem como, favorecer a descoberta de novos talentos esportivos.

Especialmente pelo último objetivo, figura a hipótese de que tais jogos estariam pautados nos princípios do esporte de alto rendimento, reestabelecendo uma dinâmica na qual somente os alunos mais habilidosos teriam a oportunidade de acesso dentro desse sistema de competição.

Costa (2017), ao olhar para uma outra perspectiva, sinaliza que os Jogos Escolares podem trazer benefícios tanto aos alunos quanto aos professores que usufruem dessa prática no ambiente escolar:

O trabalho pedagógico realizado pelo professor, sua abordagem e métodos determinam como a competição se efetiva no espaço escolar [...] Há uma necessidade de transformação na concepção sobre a competição no âmbito escolar, que pode assumir um papel facilitador de interação e de relações entre os alunos e que consiga possa ser mantido por ideias, princípios e procedimentos pedagógico[...] Assim, o trabalho com o esporte no espaço escolar não pode ser realizado de forma inconsequente, ele necessita de objetivos e abordagens claras que demonstrem sua intencionalidade formativa e educacional. (COSTA, 2017, p.06)

Considerando as duas perspectivas anteriores e caminhando em prol de uma ponderação, os Jogos Escolares como atividade complementar à Educação Física pode enriquecer as vivências cooperativas e competitivas, bem como promover o relacionamento interpessoal, socialização e valores, fazendo com que desenvolvam essas competências, além de proporcionar bem-estar, desde que, estes sejam pautados em valores que não se orientem pelo esporte de alto rendimento já que estão sendo desenvolvidos no âmbito da escola e deveriam estar comprometidos com os princípios desta instituição.

Como podemos notar, há dissensos e reflexões importantes que carecem de mais investigações de modo que possamos compreender melhor este contexto. Sob este ponto de vista, ganha relevo pesquisar as perspectivas dos alunos a respeito dos Jogos Escolares, tanto daqueles que são participantes do evento, quanto aqueles que não participam. Neste sentido, este estudo teve como objetivo analisar as relações das aulas de Educação Física com os Jogos Escolares Estaduais de São Paulo nas perspectivas dos estudantes.

No primeiro capítulo será apresentado como o conteúdo esporte se faz presente dentro do contexto escolar, quais suas características e probabilidades para ser trabalhado dentro desse ambiente. No segundo capítulo, destacamos como a competição é trabalhada dentro da escola, e quais possibilidades os professores dispõem para proporcionar da melhor maneira dessa característica do esporte. No terceiro capítulo, é apresentada a metodologia da pesquisa, sua abordagem de investigação, as técnicas de coleta, as características dos participantes e da escola em que ocorreu o estudo. No quarto capítulo ganha relevo a discussão dos dados a partir do aprofundamento em três categorias: 1. O esporte de rendimento enraizado

na escola; 2. Os treinos preparatórios para os Jogos Escolares e suas influências nas aulas regulares de Educação Física; 3. A relação dos alunos, tanto os participantes quanto os não participantes, com os Jogos Escolares do Estado de São Paulo.

Por fim, o trabalho é encerrado com as considerações finais, apontando que as aulas de Educação Física se confundem com as Atividades Curriculares Desportivas (ACD) para os Jogos Escolares do Estado de São Paulo. Os alunos não participantes não têm um entendimento muito claro sobre o funcionamento do evento. Já os participantes não identificam elementos para mudanças na operacionalização dos Jogos Escolares. Ressaltamos que o esporte de rendimento ainda está enraizado dentro do contexto da Educação Física Escolar.

## CAPÍTULO I

### ESPORTES NA ESCOLA

Que o esporte é um dos conteúdos trabalhado na Educação Física escolar não há como negar, mas a forma como este é apresentado e desenvolvido com os alunos é um assunto recorrente em debates profissionais e acadêmicos. Há quem ame a abordagem esportiva na escola, todavia, há também os que a abominam. Entretanto, como sinalizam Santos e Picoletto (2011, p. 13) “O esporte ainda aparece como o principal conteúdo e baseado em modelos esportivizados, tecnicistas visando à performance, ao rendimento, à aptidão física”.

Depreende-se daí três problemáticas principais quando pensamos nesse assunto, a primeira seria o papel de protagonista atribuído ao esporte pela Educação Física escolar; o segundo, a utilização do esporte espetáculo como referência para a estruturação de aulas e dos eventos na escola; e por fim, relacionando ao ponto anterior, a mobilização de formas para se ensinar e vivenciar os esportes nas aulas de maneira democrática e inclusiva

Para Martins e Paixão (2014), dentre todos os temas sugeridos pela cultura corporal de movimento que englobam assuntos como a dança, a ginástica, os jogos e as lutas, o esporte mantém uma soberania ao longo dos tempos, tendo este uma hegemonia se comparado com outros conteúdos selecionados pelos professores para serem vivenciados durante as aulas. Os autores ainda apontam que os professores de Educação Física parecem estar sob uma influência da concepção esportivista, com códigos e valores pautados em rendimento e, ainda mais grave, reduzidos aos esportes tradicionais como: o futsal, o vôlei, o handebol e o basquete. Em resumo: “[...] percebe-se a ênfase dada ao conteúdo esporte, que surge como a primeira opção de conteúdos pelos professores no planejamento letivo” (MARTINS e PAIXÃO, 2014, p. 8)

Fortes *et al.* (2012) também identificaram a hegemonia do esporte nas escolas que pesquisaram, sendo que, o esporte seguia sendo o assunto principal das aulas, fazendo com que houvesse um impedimento a respeito de outros conhecimentos da cultura corporal de movimento, além de haver pouca diretividade

e participação dos professores no decorrer das aulas. Apesar disso, temos que nos colocar uma importante reflexão acerca do conteúdo esportivo, qual seja:

Se por um lado preocupa a hegemonia do esporte enquanto conteúdo da Educação Física Escolar, por outro é preciso entender o potencial educativo que essa prática agrega. A pedagogia do Esporte, como área de conhecimento vem crescendo muito no âmbito da Educação Física. (FORTES *et al*, 2012, p. 7)

Santos e Picolo (2011) também destacam que, atualmente, o esporte é considerado o conteúdo que aparece mais vezes nas aulas de Educação Física na escola, sendo: “[...] o que se observa é, em algumas vezes, o esporte desenvolvido como mera recreação e, em outras, como prática esportiva voltada unicamente ao rendimento” (p. 7). Nesse mesmo trabalho, ao investigarem a visão dos professores de Educação Física escolar sobre o ensino do esporte em suas aulas, os autores identificaram a falta de compreensão em relacionar a política educacional com a proposta pedagógica, um momento em que pode ser evidenciado isso é a dificuldade dos professores em construir um conteúdo para o Ensino Médio que seja diversificado e aprofundado àquele que é trabalhado no Ensino Fundamental, professores, muitas vezes, se restringem a ensinar apenas fundamentos e gestos técnicos do esporte, limitando assim, toda a dimensão político/social que poderia ser estudada por esse público, a respeito dessa temática que se mostra tão ampla.

Pimenta e Honorato (2010) entendem que o esporte na escola recebe uma supervalorização por parte dos professores, contudo, muitas vezes eles não conseguem enxergar que se o esporte for ensinado de forma imutável ou baseado em modismos, trabalha como um limitador das possibilidades que a Educação Física pode proporcionar. Os autores continuam dizendo que: “Historicamente, a Educação Física escolar tornou-se perigosamente sinônimo de esporte” (p.6) e que, ainda, as outras manifestações culturais ficaram dependentes da vontade dos alunos em aprende-los. Um ponto muito importante é destacado pelos autores:

Outras manifestações corporais, que também não deixam de ser esportivas, como a ginástica, o atletismo, as lutas e as modalidades de pranchas, foram sendo renegadas à medida que as quatro modalidades – futsal, handebol, voleibol e basquetebol – tornaram-se parte integrante da pedagogia nas aulas de Educação Física. (PIMENTA E HONORATO, 2010, p. 6)

Reforçando este mesmo ponto de vista, Ilha e Hypolito (2015) defendem que, os esportes são conteúdos que estão presentes no currículo escolar e não se pode negar que são importantes, mas, algumas modalidades têm ocupado um espaço que é maior do que o que seria proporcional aos outros saberes possíveis de serem ensinados no âmbito escolar. Os autores mencionam um problema que pode vir a ser exclusivo do componente curricular da Educação Física, a escolha do conteúdo pautado exclusivamente pelo interesse dos alunos:

Importa enfatizar que a abertura dada pelo professor de Educação Física na organização curricular da disciplina para a participação dos alunos não é nem um pouco questionável, a questão discutível é limitar a organização curricular na disciplina a um mínimo de conteúdos e atividades selecionados pelos alunos. Questiona-se se nas outras disciplinas escolares isso também ocorre. Possivelmente não, pelo menos nas disciplinas valorizadas como campo de saber. Portanto, acredita-se que essa abertura vem sendo balizada pela desvalorização dos conhecimentos da Educação Física. (ILHA E HYPOLITO, 2015, p. 6)

Pimenta e Honorato (2010) relatam que não se trata somente de questionar um o professor de Educação Física que trata sua aula como um sinônimo para o esporte, mas também outros profissionais que atuam na escola e enxergam esta aula como uma constante disputa esportiva. De acordo com os autores: “[...] diretores, vice-diretores e coordenadores pedagógicos [...] realizam a famosa pergunta ‘não tem campeonato esse bimestre?’” (PIMENTA e HONORATO, 2010, p. 7). Para eles:

Portanto, a escola não fica aquém dos discursos televisivos midiáticos, uma vez que ela se torna local de reproduções imagéticas fundamentalmente veiculadas pela TV, contudo nós professores precisamos buscar caminhos para irmos além de uma visão crítico-reprodutivista. Reverenciar a prática esportiva de rendimento como contexto único nas aulas de Educação Física é cometer um ‘suicídio pedagógico’, é uma limitação sobre a cultura esportiva por parte do professor. Isso não significa que o docente deva romper seus ‘Laços esportivos e dizer: ‘eu nunca mais vou ensinar o esporte’. Talvez nesta afirmação encontra-se o engano: o que seria ensinar o esporte afinal? [...] (PIMENTA E HONORATO, 2010, p.7)

Martins e Paixão (2014) evidenciam elementos históricos, com perspectivas baseadas em pressupostos da sociologia crítica do esporte e teóricas críticas da educação e Educação Física, para alimentar este debate. De acordo com os autores, a partir da década de 1980 a comunidade acadêmica iniciou vários debates e críticas sobre o esporte de rendimento presente na escola, tendo como base as

finalidades e objetivos presente na Educação Física escolar, a busca por legitimação da mesma e também sua dimensão educativa e/ou formação do aluno. De acordo com os autores:

Ao se considerar a Educação Física como componente escolar e suas finalidades para/na formação do aluno, tem-se como característica fundante dos estudos que analisam o esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, a problemática, o esporte trabalhado no interior das escolas que, em sua maioria, são regidos por códigos que o estruturam sob a égide do rendimento, da espetacularização e do mercantilismo e, que, por sua vez é amplamente difundido pelos meios de comunicação de massa no meio social. (MARTINS E PAIXÃO, 2014, p. 11)

Ainda no mesmo trabalho, os autores falam do grande problema a respeito do espelho feito a partir dos megaeventos esportivos. Sob a influência desta visão, há uma subversão da lógica de formação escolar quando pensamos nesse modelo de esporte espetáculo, sobrepondo a ideia de formar atletas acima do ensino de valores a partir do esporte, voltado para a formação de um cidadão. Há ainda a problemática do esporte trabalhado de uma forma tecnicista ou do famoso 'rola-bola'.

Sawitzki (2008) também destaca que nas aulas de Educação Física, a prática geralmente se desenvolve sob a perspectiva do esporte espetáculo/rendimento, com a vitória, a conquista, o troféu e a medalha, estando estes acima de qualquer coisa. Tal encaminhamento leva a uma seletividade, mostrando que aparentemente só quem tem competência na prática esportiva irá vencer e ganhar títulos:

Sob o objetivo único de 'ganhar o jogo' e na ausência de princípios de formação humana e desenvolvimento social, em muitas situações, ocorrem as transgressões das regras do jogo, a agressividade física e moral, a seletividade e a exclusão, aspectos os quais se considera negativo à formação humana. (SAWITZKI, 2008, p. 2)

Sobre as variadas situações de exclusão que acontecem nas aulas de Educação Física Escolar, principalmente quando o assunto é esporte, Sawitzki (2008) traz a questão de gênero, relatando a dificuldade que os meninos apresentam de jogar junto com as meninas quando a prática é feita em conjunto, quando essa é separada por gênero, os meninos acabam jogando mais tempo que as meninas. Somando a isso, observamos uma falta de solidariedade dos alunos nas práticas esportivas, já que o individualismo prevalece, sobressaindo o desejo de vencer a qualquer custo, sem cooperação com os colegas e dificuldade em aceitar os outros com suas limitações.

Maldonado (2015) contribui dizendo que ele estabelece simpatia com propostas pedagógicas nas quais suas finalidades sejam formar pessoas com pensamento crítico, de agir com autonomia referente às manifestações da cultura corporal de movimento, além de haver uma consciência dos alunos voltada para a formação e o exercício do poder cidadão. Sobre isso, ainda é dito:

[...] realizamos diversas reflexões com os discentes pautadas nas dimensões conceituais e atitudinais dos conteúdos, tendo como objetivo estimular o pensamento crítico desses jovens para que no futuro eles possam atuar como cidadãos críticos e participativos na transformação da sociedade contemporânea. (MALDONADO, 2015, p 4)

Retomando Santos e Pico (2011) sobre episódios de exclusão nas aulas de Educação Física Escolar, os autores destacam a repetição de seleção dos alunos mais habilidosos, destacando aqueles que participam de turmas de treinamento e participam de competições, além de ter a aptidão como forma de seleção de alunos. Para os autores, na escola é necessário retomar valores nos quais o coletivo se sobressaia ao individual, mobilizando a cooperação, interação e companheirismo, além de dar condições para que os alunos compreendam que o jogo se faz em conjunto, tendo a visão de companheirismo e não de adversários.

Quando o assunto é esporte, a competição ganha relevo e costuma ser associada com a dinâmica da sociedade ocidental/capitalista, portanto, o esporte pode ser considerado como um reflexo dos valores da mesma, o que irá diferir é o olhar e a preocupação do professor de Educação Física para que não haja uma exagerada competição e que, principalmente, isto não seja o objetivo principal da Educação Física Escolar. Sobre esse aspecto, Santos e Pico (2011) assinalam que:

[...] o profissional de Educação Física, pela formação que possui, deve ser capaz de diferenciar o nível de competição que irá desenvolver com seus alunos, de forma diferenciada daquelas expostas pela mídia. No ambiente escolar, há a necessidade de que os alunos entendam a competição no esporte no seu sentido motivacional, em que a principal competição a ser incentivada é a do aluno consigo mesmo na busca de superação de seus próprios resultados. (p. 9)

Para os autores, é notório a complexidade dos problemas existentes no ensino da Educação Física escolar, o que envolve diversos fatores como: falta de interesse e compromisso dos professores, que não buscam novas perspectivas em

sua intervenção; diferentes formas para tratar o esporte, para assim sim, contribuir com o aspecto educacional dos alunos; a falta de interesse dos alunos, por conteúdos que não dizem respeito ao esporte e principalmente para aqueles que não são os mais populares; a instituição de ensino também deve proporcionar ao professor capacitações fora do ambiente de trabalho, além de, tempo e material para que ele possa desenvolver da melhor maneira os conteúdos a serem trabalhados durante todo o ano letivo.

Martins e Paixão (2014), nessa mesma perspectiva, fazem um levantamento importante sobre:

O esporte é um elemento de grande expressividade no campo da Educação Física escolar. Contudo, o que o configura como um potencial conteúdo educativo não está centrado no espetáculo, no rendimento ou na sua popularidade, mas no trato pedagógico que qualquer conteúdo deve estar atribuído para fins educativos dentro do ambiente escolar. (p. 14)

Giusti *et al.* (2017) realizaram uma pesquisa na cidade de Pelotas-RS a respeito da utilização do jogo como metodologia na Educação Física escolar para o ensino dos esportes. Nesse estudo, de 54 participantes, apenas oito utilizavam o jogo como ferramenta de ensino. Um fato a ser destacado é que dentre esses oito, apenas a metade deles, ou seja uma quantidade mínima de professores, já havia realizado curso de formação continuada nos cinco anos antecedentes da pesquisa, possuíam mestrado, doutorado ou pós-graduação, mostrando a importância do profissional em estar sempre estar disposto e motivado a continuar estudando, pois isso irá refletir diretamente na qualidade da sua prática

Nos resultados da pesquisa, foi encontrado que jogos pré-desportivos foram utilizados como princípio para o ensinamento do esporte, adaptações nas regras, números de jogadores, objetivos e espaço de jogo foram evidenciados nas aulas ministradas pelos profissionais. Os professores destacaram que, para o bom andamento da aplicação da metodologia, a escola deve apresentar uma estrutura física e materiais de qualidade. (GIUSTI *et al.*, 2017)

Os autores ainda apontaram que:

A análise in loco de práticas docentes revelou que o ambiente da escola pública, apesar das limitações de espaço e material, se mostrou viável para um trato pedagógico na iniciação às modalidades esportivas de forma mais abrangente, tratando a técnica e a tática de maneira planejada e intencional dentro do contexto de jogos condicionados [...] Por fim, se faz importante

reconhecer que modificações no campo de atuação profissional relacionado a um ensino do esporte mais direcionado às necessidades dos alunos passam também por esforços simultâneos entre cursos de graduação em Educação Física e Esportes, assim como de ações de formação continuada que envolvam professores que estão atuando na escola. (GIUSTI *et al.*, 2017, p. 10)

Sadi *et al.* (2008) ao se valerem do referencial teórico de Mitchell, Oslin e Griffin (2003) para ajudar o professor a apresentar uma possibilidade de intervenção baseada no jogo para se ensinar o esporte, defendem que todo esporte teve seu início no jogo, então, este pode ser utilizado como metodologia para o outro. É apresentada uma divisão dos tipos de jogos baseados na abordagem dos americanos, que seria: jogos de rede/parede, jogos de invasão, jogos de algo e jogos de rebatida/campo. Primeiramente, é colocado pelos autores que, para um melhor funcionamento da prática, o professor deve dividir a quadra em pequenos espaços, para que vários jogos possam estar ocorrendo simultaneamente. A criança ou o adolescente deve desenvolver a percepção da dimensão do seu campo de jogo, para que não ultrapasse o limite estabelecido e também desenvolver a capacidade de compreensão da velocidade e dinâmica do jogo. Sobre essa questão, é dito “[...] Durante as fases iniciais de aprendizagem, os jogos apresentam paradas naturais, de tal forma que os alunos precisam aprender como iniciar e re-iniciar o jogo quando houver uma parada (como uma bola indo para fora da quadra, por exemplo)” (SADI *et al.*, 2008, p.5).

Os jogos em campo reduzido também precisam de um número reduzido de jogadores, com isso, jogos de 2x2 ou 3x3 são indispensáveis. Para o funcionamento do jogo dessa maneira também é necessário que o alvo seja reduzido, para que o uso do goleiro seja dispensado. O jogo ocorrendo dessa maneira deixa aberto a maiores possibilidades de movimentação dentro do espaço, além de, proporcionar ao aluno um maior tempo com a posse da bola, sendo assim, ampliando seu tempo em contato com a mesma. Dentro desses jogos, o professor deve introduzir e ensiná-los as noções de defesa, ataque. (SADI *et al.*, 2008)

Os autores ainda ressaltam que:

É importante ressaltar que o ensino de esportes por meio de jogos não vai de encontro aos ditos jogos pré-desportivos, uma vez, que o objetivo da iniciação esportiva apresentado nesse texto é o de contribuir para uma educação pautada no desenvolvimento do aluno, da inteligência esportiva, da capacidade de tomada de decisão e resolução de problemas táticos, do pensamento tático, cujo foco é o aluno e não o esporte. (SADI *et al.*, 2008, p. 9)

Retomando Maldonado (2015), o autor mostra uma maneira de se trabalhar o esporte, analisando uma experiência didática em que os esportes foram ensinados de uma maneira a enfatizar as dimensões conceituais e atitudinais que o rodeia. Temas como o preconceito racial e da mulher no esporte, a razão pela qual todos não têm as mesmas oportunidades para se desenvolver em certas modalidades esportivas, a razão pela qual a orientação sexual dos atletas serem tão importantes para os times, deficiência no esporte, anabolizantes, violência, entre outros, foram discutidos em sala de aula, no formato de debate, os alunos também faziam charges a respeito dos conteúdos e algumas delas foram apresentadas no trabalho do autor (MALDONADO, 2015).

Esta pode ser uma maneira possível de se trabalhar o esporte de uma forma que ele transcende a quadra poliesportiva, trazendo assuntos polêmicos por meio de uma abordagem crítica e de suma importância para a construção do cidadão. É válido ressaltar que o professor deve estar previamente preparado para esse tipo de discussão, e também se mostrar disposto e flexível para qualquer comentário que possa surgir, além de, ter persistência com essa metodologia, pois os alunos podem parecer relutantes, como é dito no seguinte trecho:

Tivemos algumas dificuldades para discutir os conteúdos conceituais e atitudinais mencionados nesse texto com os nossos alunos, principalmente porque nas experiências anteriores que esses jovens possuíam de Educação Física, eles acabavam tendo apenas aulas práticas e aprendiam apenas os fundamentos e as regras dos esportes que eram ensinados durante as aulas. Durante os primeiros dias das nossas aulas, houve certo desconforto de alguns alunos que queriam praticar esportes e não refletir sobre os mesmos. (MALDONADO, 2015, p. 13)

Sobre esse mesmo ponto, Costa *et al.* (2019) contribuem com estas proposições, ressaltando que a Educação Física escolar é um espaço que possibilita a construção de apropriações e discussões e que, por meio dessas, os alunos podem desenvolver sua autonomia e responsabilidades, com diálogos que anseiam promover ações inclusivas, participativas e cooperativas.

Maldonado (2015) ainda ressalta que o ensino do pensamento crítico deve ser primordial na escola e este, também tem o direito de ser um compromisso dentro das aulas de Educação Física, sobre isso, é declarado:

Possibilitar uma educação crítica dentro do ambiente escolar poderá melhorar as relações humanas em um futuro próximo, tornando a nossa sociedade menos desigual e mais justa, além de munir os jovens com conhecimento para lutar pelas melhorias que a nossa sociedade necessita. Todas as disciplinas da escola deveriam seguir por esse caminho, inclusive a Educação Física. Ensinar o esporte de forma crítica significa compreender e transformar essa manifestação da cultura corporal de movimento com a intenção de alcançar a nossa principal meta que é criar um mundo mais justo em todos os setores da sociedade. (MALDONADO, 2015, p. 15)

Pelas fontes e reflexões aqui apresentadas, percebemos que o conteúdo esporte é trabalhado dentro do componente curricular da Educação Física, tendo um papel de protagonismo nas aulas, na medida em que tem sido o mais trabalhado na escola, retirando todo o leque de possibilidades que a cultura corporal de movimento possibilita para a Educação Física Escolar. O esporte não deve ser negado e seu ensinamento não pode ser pautado no esporte de alto rendimento, já que a aula deveria se estabelecer como importante espaço de desconstrução e diálogo sobre este conteúdo. Para tal, foram aqui apresentadas algumas maneiras de se trabalhar esse conteúdo dentro da escola, os exemplos utilizados foram jogos pré-desportivos, minijogos, e considerando suas dimensões conceituais e atitudinais.

No capítulo seguinte será abordado como a competição se faz presente dentro da escola, principalmente na Educação Física, como ela está sendo utilizada dentro desse contexto e quais suas características.

## CAPÍTULO II

### COMPETIÇÃO NA ESCOLA

Ao tratarmos do tema esporte não tem como escaparmos da questão da competição, uma vez que esta se constitui com uma das características do esporte. Todavia, ela que pode atuar nos dois âmbitos da formação dos alunos, podendo contribuir com uma formação crítica e transformadora da sociedade ou uma formação que naturaliza seus preceitos e ajuda a construir um comportamento de aceitação e acomodação. Entretanto, na maioria das vezes, ela é vista como algo não produtivo e que deve ser evitada a qualquer custo dentro do ambiente escolar.

Para Reverdito *et al.* (2008): “A competição é um elemento fundamental do esporte, que dá sentido à sua existência, e é nela que a manifestação do esporte se realiza em sua plenitude” REVERDITO *et al.*, 2008, p.2). A partir dessa reflexão, é preciso encontrar formas de se trabalhar a competição dentro do ambiente escolar, levando em consideração que esta faz parte do esporte. O trabalho com o esporte irá ajudar na construção humana do sujeito em questão, mais precisamente, o aluno. Sobre esse fator, os mesmos autores contribuem com o pensamento de que: “[...] se estamos falando de uma competição escolar, a qual pressupõe seu compromisso com a educabilidade do sujeito, entendemos que esta deve estar consciente de suas particularidades e função” (REVERDITO *et al.*, 2008).

O ganhar a qualquer custo é uma das vertentes que podem aparecer dentro da competição, essa, que é uma característica bem marcante no esporte de alto rendimento (FRIZZO, 2013). O esporte escolar deveria passar longe de ter essa característica, mas não dá para culpabilizar alunos ou professores, quando, o próprio regulamento dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo, no que se refere aos seus objetivos, é encontrado: *Os JEESP têm por objetivo [...] favorecer a descoberta de novos talentos esportivos que possam ser indicados para participar dos programas ‘bolsa talento esportivo’ e ‘centro de excelência esportiva’* (JEESP, 2017, p. 4).

Frizzo (2013) faz algumas considerações a respeito dos documentos que regularizam os Jogos Escolares, enfatizando que eles possuem características dos esportes de rendimento que norteiam a lógica esportiva na escola, associando o

ambiente escolar a um centro de formação de atletas e um espaço de identificação de talentos esportivos, vendo os alunos participantes dos jogos como atletas.

A respeito da competição na escola, Reverdito *et al.* (2008) apresentam alguns contrapontos, problemáticas e soluções. Um dos momentos que a competição aparece, além do espaço da Educação Física, seria o momento dos jogos interclasses, os autores levantam o questionamento se esse é um evento da escola ou evento na escola, além de que, na maioria das vezes, a realização desse evento fica apenas sob a responsabilidade do professor de Educação Física. Acerca desse assunto, é apontado que:

[...] os dias ou semanas dos jogos inter-classes servem apenas como interposto para os professores de outras disciplinas saírem da rotina de sala de aula e colocarem seus afazeres em dia [...] A realização do evento não é apenas de responsabilidade da disciplina Educação Física, mas responsabilidade da escola. Por isso a interdisciplinaridade é essencial. (REVERDITO *et al.*, 2008)

Outro apontamento destacado pelos autores correspondem a defesa que fazem para que todos os alunos tenham oportunidades iguais dentro do jogo ou do esporte e que a organização da competição não pode ter um fim nela mesma, ainda no mesmo sentido, é dito: “A competição é um dos conteúdos do esporte, logo a escola não pode negar nem o esporte e nem a competição” (REVERDITO *et al.*, 2008, p.7).

Sawiski (2008), alinhado aos autores anteriores, relata que tanto em eventos esportivos escolares quanto nas aulas de Educação Física, essas práticas esportivas envolvendo alunos, se desenvolve, de uma maneira geral, na perspectiva do esporte de espetáculo, e que algumas vezes, se dá a partir da vitória a qualquer custo, promovendo a seletividade e estimulando o pensamento de que só tem competência nas práticas esportivas quem é o vencedor. O autor ainda fala sobre alguns problemas que essas características da competição escolar trabalhada dessa forma pode trazer:

Sob o objetivo único de ‘ganhar o jogo’ e na ausência de princípios de formação humana e desenvolvimento social, em muitas situações, ocorrem as transgressões das regras do jogo, a agressividade física e moral, a seletividade e a exclusão, aspectos os quais se considera negativos à formação humana. (SAWISKI, 2008, p.2)

Frizzo (2013) contribui dizendo ainda que:

O sistema esportivo, ao integrar-se ao projeto educativo da escola, adquire uma mesma perspectiva avaliativa de ranqueamento, de comparação e concorrência entre escolas e alunado, de disputas em que poucos se sobressaem atingindo níveis desejados e que são referência de qualidade do ensino e da formação com base na competitividade. (FRIZZO, 2013, p. 15)

Costa *et al.* (2017) tentam achar uma solução para esses problemas encontrados, os autores dizem que seria importante a reflexão de um esporte que seja mais engajado e inserido nas propostas educacionais. Sawiski (2008) e Reverdito (2008) vão mais além, o primeiro diz que o planejamento dessas atividades extra-classe não se desenvolve a partir de um planejamento embasado no projeto educacional e do projeto político pedagógico da escola, mas se faz a partir de símbolos do esporte de rendimento. Já o segundo, é mais incisivo e dá como imprescindível o embasamento em outros referenciais que não seja o esporte de alto rendimento, sobre o assunto, é dito:

[...] as competições ou eventos esportivos estarão integrados no programa curricular, como produto do Projeto-Político-Pedagógico da escola, desenvolvido na área de conhecimento e objeto de estudo da disciplina de Educação Física, de forma interdisciplinar ou transdisciplinar, pautado nos ideários filosóficos educacionais da escola. Um projeto contextualizado e referenciado pelo tema central da escola, permitindo ser abordado por diferentes disciplinas e conteúdos. (REVERDITO *et al.*, 2008. p. 4)

Marin *et al.* (2018) concordam com todos esses fatores apresentados anteriormente e acrescentam que o modelo social que se vive nesse país, tem como uma de suas principais característica a desigualdade, e realizar a democratização do esporte se faz muito difícil, tanto em espaços de lazer, quanto no ambiente escolar. Sobre os eventos esportivos que acontecem dentro da escola, eles devem ser discutidos com um teor crítico, em relação a essa concepção de sociedade que se vive. Os eventos esportivos escolares promovem a integração dentro do contexto escolar, só que no mesmo momento, ela reafirma uma estrutura social competitiva e excludente, que muitas vezes deixa de ser um pouco cooperativa e lúdica.

Frizzo (2013) conversa com o autor anterior quando ele relata que tem-se a lógica da meritocracia quando se fala de equipes esportivas dentro da escola, onde os “melhores” são escolhidos enquanto os “piores” são descartados, sobre o

assunto, é dito: “[...] a concorrência e a meritocracia são balizadores para a qualidade da escola, destaca-se que a competição como referência para a qualidade do ensino, expressão da meritocracia do atual projeto formativo na escola [...]” (FRIZZO, 2013, p. 14)

Costa *et al.* (2017) assinalam que o professor é quem determina como a competição irá se efetivar dentro do espaço escolar, a partir de como ele irá abordar o assunto e quais métodos serão utilizados. Existe uma necessidade evidente de transformação na concepção a respeito da competição dentro da escola, devido ao fato de que ela pode assumir um papel facilitador quando se diz respeito a interação entre o alunado, sendo assim, o trabalho com o esporte no ambiente escolar, não pode e não deve em hipótese alguma ser trabalhado de forma inconsequente, se faz necessário uma abordagem clara que demonstre seus objetivos e a intencionalidade educação e formativa.

Uma situação destacada tanto por Reverdito *et al.* (2008) quanto por Frizzo (2013) é a participação dos alunos nas atividades esportivas utilizada como moeda de troca, afim de que o aluno tenha um bom comportamento dentro do ambiente escolar, para que só assim ele possa vir a participar da atividade extraclasse. Enquanto Reverdito *et al.* (2008) relatam a utilização desses dias destinados às atividades extraclases como forma de compor os dias letivos, por que os alunos ficam extremamente motivados para esse evento e sendo assim, isso os força a ir à escola para participar. Frizzo (2013) vai mais além, apontando que os professores relatam que utilizam essa estratégia como uma forma de disciplina perante os alunos, como uma forma de controla-los. Um dos professores em questão colocava um número máximo de ocorrências que cada aluno podia ter durante o período do ano letivo, enquanto outro, acrescentava que o professor sabia o quão valoroso era esse momento para o aluno, então ele tinha que usar isso a favor dele. O autor dialoga com os dados expressos nas falas dos professores dizendo que:

[...] a eliminação daqueles alunos e alunas que não reúnem condições [...] e comportamentais para fazer parte das equipes esportivas escolares, traz embutida a manutenção destas condições como referência para o êxito escolar, ainda que sejam reafirmadas na disciplina de educação física mas não só somente nesta. O êxito escolar aqui apontado refere-se não só a apropriação de conteúdos os de conhecimentos, mas de uma aprovação social perante o coletivo escolar [...] este ‘êxito’ está reservado para poucos, independente do atendimento aos requisitos necessários. (FRIZZO, 2013, p.13)

Sawiski (2008), de uma forma bem crítica, relata a urgência que o contexto atual necessita de práticas e eventos esportivos, para crianças e adolescentes, que venham a contribuir para sua formação, e que estes devem ser realizado com adaptações para as capacidades físicas, sociais e mentais de cada um. O autor ainda apresenta uma sugestão de para a realização dos jogos esportivos, eles poderiam ser realizados em duas etapas, a primeira, sendo de forma interna e a segunda externa. A fase interna deveria ser realizada com atividades esportivas de caráter recreativo/lúdico, também tento caráter de formação e realizadas sob uma orientação, esse fase interna deveria ser realizada em duas partes, a primeira entre os alunos de sua turma e a segunda coa entre alunos de diferentes turmas. O envolvimento na elaboração das atividades deveria conversar com o projeto político pedagógico da escola, e tendo o envolvimento de toda a comunidade escolar, indo desde professores, até os pais, estes, também estariam envolvidos na organização, controle e avaliação.

Já a fase externa contaria com atividades de caráter competitivo e não competitivo, as atividades em questão deveriam promover a socialização/formação esportiva, aquisição de competências físicas, técnicas e táticas, tentando assim, contribuir com a formação integral do aluno. Os jogos entre escolas deveriam ser organizados em fases e serem divididos em diferentes categorias e por gênero, deveriam ser concebidos a partir de pressupostos pedagógicos formativos e serem estruturados e organizados a partir de um regulamento técnico-pedagógico. Após a realização dos jogos, deveria haver uma avaliação, que deveria contar com a participação de todos os envolvidos. (SAWISKI, 2008)

O autor conclui o pensamento relatando:

Acredita-se na prática esportiva e nos jogos esportivos escolares como mais uma atividade capaz de contribuir para o desenvolvimento individual e social dos alunos. Assim, registra-se aqui o convite a todos os colegas professores, dirigentes políticos, alunos, pais, funcionários e sociedade em geral, para a discussão, o planejamento, a execução e a avaliação de práticas esportivas escolares e jogos escolares sob pressupostos pedagógicos, de formação humana, de desenvolvimento social e do exercício da cidadania. (SAWISKI, 2008, p.9)

Revertido *et al.* (2008) contribuem com esta reflexão, apontando que a escola é um dos espaços, se não o espaço, na qual se encontra a maior presença das

manifestações esportivas, por isso, é impossível que a escola a negue. A problemática seria que a escola ainda não acredita na possibilidade e função educativa do esporte, sobretudo na competição, os autores defendem uma proposta pedagógica para as competições escolares, levando em consideração que esse é um evento da escola, e que esse deve ser realizado, impreterivelmente integrado ao Projeto Político Pedagógico, e tendo sempre responsabilidade da educabilidade do aluno.

Nesse capítulo, foi visto como a competição se dá dentro do contexto escolar, no caso dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo, a regulação da competição trata os alunos como se fossem atletas e até evidencia que o evento pode ser utilizado como vitrine esportiva. Na escola, os Jogos Interclasses figuram como o maior evento competitivo do contexto escolar, e este é, na maioria das vezes, baseado no esporte de espetáculo, alimentando comportamentos de desigualdade entre os alunos, sejam eles meninos e meninas, ou mais habilidosos e menos habilidosos. Esse evento, caracterizado como da escola, deveria estar integrado ao Projeto Político Pedagógico, de modo que pudesse ser construído um significado de aproximação ao contexto escolar.

No capítulo seguinte será apresentada a metodologia que foi utilizada para a realização deste trabalho.

## CAPÍTULO III METODOLOGIA

### 3.1 Características Gerais

Tendo em conta que o objetivo dessa pesquisa é compreender o cenário escolar a respeito de eventos esportivos para estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais, foram realizadas entrevistas com alunos desse nível de ensino a fim de compreender o seu ponto de vista a respeito dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo, essa pesquisa é de natureza qualitativa, com característica do estudo descritivo interpretativo, também foram realizadas observações no que diz respeito aos treinos preparatórios para os Jogos Escolares.

Segundo Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa tem como seu ambiente natural como sua fonte de pesquisa e o pesquisador como seu instrumento, mais precisamente sobre a pesquisa qualitativa é dito: *A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.* (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11)

Para Bogdan e Biklen (1991) a investigação qualitativa possui cinco características, sendo que a pesquisa com caráter qualitativo é feito em ambiente natural, tendo o investigador como instrumento principal, a investigação qualitativa é descritiva, os investigadores qualitativos se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados dos produtos, os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e por fim, o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

Para explicar a característica do estudo descritivo, Triviños (1987) traz que: A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas nos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Dessa maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno no conceito.

### 3.2 Técnicas de coleta

A coleta foi realizada a partir de uma entrevista semiestruturada para os estudantes, foram entrevistados tanto os alunos que nunca haviam participado dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo, quanto aqueles que já participaram. A entrevista se faz necessário, pois, segundo Ludke e André (1986):

Esses problemas, pela sua natureza específica, requerem técnicas de estudo também especialmente adequadas. Em lugar dos questionários típicos das análises experimentais, não utilizadas mais frequentemente [...] a entrevista, que permite um maior aprofundamento das informações obtidas (p.9)

Segundo os mesmos autores, a entrevista tem como ponto positivo a facilidade em emitir correções, adaptações e esclarecimentos, tanto por parte do entrevistador como do entrevistado, e como ponto negativo, o fato de que o registro das entrevistas podem apresentar certos ruídos, se ela for feita através de anotações, ou constrangimento, se ela for realizada por meio de gravações de áudio (LUDKE e ANDRÉ, 1986)

Triviños (1987), ao tratar sobre a entrevista semiestruturada, assinala que, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante: “Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Para tal, foram utilizados dois roteiros de perguntas, o ROTEIRO 1 foi destinado àqueles que já participaram dos Jogos Escolares em algum momento do seu período escolar, enquanto o ROTEIRO 2 foi destinado àqueles que nunca tinham participado:

Quadro 1: Roteiro de perguntas aos participantes dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo

#### Roteiro 1

1) Como costumam serem selecionados os alunos aqui da sua escola para disputar os Jogos Escolares?

- 2) Algo te marcou ou não a respeito da sua participação nos Jogos Escolares?
- 3) Quando e com qual frequência costumam serem realizados os treinos para os Jogos Escolares? E como são realizados esses treinos?
- 4) Como você se sentiu dentro das competições dos Jogos Escolares?
- 5) Quais impressões você teve a respeito dos outros competidores das outras escolas nos Jogos Escolares?
- 6) Em sua opinião, como deveriam ser os Jogos Escolares?

Fonte: A autora

Quadro 2: Roteiro de perguntas aos não participantes dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo

#### Roteiro 2

- 1) Você teria interesse em participar dos Jogos Escolares? Por quê?
- 2) Como costumam ser selecionados os alunos aqui da sua escola para disputar os Jogos Escolares?
- 3) Como você se sente ao não ser selecionado para participar dos Jogos Escolares ou a ver algum colega seu sendo excluído desta participação?
- 4) Algo te marcou ou não a respeito da sua não participação, ou de algum colega seu, nos Jogos Escolares?
- 5) Em sua opinião, como deveriam ser os Jogos Escolares?

Fonte: A autora

As entrevistas foram realizadas durante o período de aulas, que ocorriam no turno da manhã, sendo necessária a autorização do professor para que o aluno se retirasse da aula durante o momento da entrevista. Todas elas foram realizadas em uma sala reservada e de modo individual.

Outra técnica de pesquisa utilizada nesse trabalho foi a observação sistemática dos treinos para os alunos que iriam para os Jogos Escolares. Foi utilizado um roteiro de observação, no qual foram anotados os espaços que estavam sendo utilizados para o treino, qual modalidade estava sendo desenvolvida e qual a abordagem da professora para tratar o conteúdo.

Segundo Ludke e André (1986), a observação sendo utilizada como uma técnica de pesquisa altamente importante, mas deve-se tomar cuidado, pois a mente

humana é muito seletiva e é provável que se duas pessoas olhem para uma mesma situação, terão interpretações diferentes a respeito do mesmo fato, por isso, para que esse instrumento se torne fidedigno e válido, a observação deve ser sistemática e controlada. Sobre o assunto, as autoras ainda dizem que:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens na pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p.26)

Triviños (1987) também conceitua a observação como uma técnica de coleta, relatando que:

Outra das técnicas de privilegia a pesquisa qualitativa é a 'observação livre [...] 'Observar' naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas animais, etc.) algo especificamente prestando por exemplo atenção em suas características (cor, tamanho, etc.) Observar um 'fenômeno social' significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado do contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc. (p.152) [...] A observação pode ser estruturada ou padronizada (p.153) [...] A observação livre, ao contrário da observação padronizada, satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, como, por exemplo a relevância do sujeito, neste caso, da prática manifesta do mesmo e ausência total ou parcial, de estabelecimento de pré categorias para compreender o fenômeno que se observa.(p.154) (TRIVIÑOS, 1987)

O primeiro contato com a escola se deu através de uma conversa com a professora de Educação Física da escola para que houvesse a autorização para a realização do estudo. Após o aval dessa, o segundo passo foi realizar o contato com a diretora da escola e apresentar uma carta que explicava o conteúdo e objetivo da pesquisa (APÊNDICE 1).

O critério de inclusão dos participantes foi à manifestação de aceite em participar da pesquisa expressa no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3) preenchido pelo responsável do aluno e pelo aluno.

Todos os nomes foram alterados para garantir anonimato aos participantes do estudo.

### 3.3 Caracterização dos participantes

O estudo foi realizado com 32 participantes, sendo 17 meninas e 15 meninos, todos estudantes do Ensino Fundamental II, foram quatro alunos do 6º ano, sete do 7º ano, seis do 8º ano e 15 do 9º ano. Destes, 19 já haviam participado dos Jogos Escolares enquanto 13 nunca haviam participado. Todos os nomes foram alterados para garantir o anonimato do aluno. Os participantes foram especificados em um quadro, que pode ser verificado a seguir:

Quadro 3 – Caracterização dos participantes

<b>Participante</b>	<b>Ano</b>	<b>Participou dos Jogos Escolares</b>
Luís	6º ano	Não
Marcela		
Rodrigo		
Marcos		
Julia	7º ano	Sim
Flavia		
Cris		
Aline		Não
Juliana		
Manu Julia		
Renan	8º ano	Sim
Henrique		
João Pedro		
Leo		Não
Maria		
Ester		
Daniela	9º ano	Sim
Eduardo		
Caio		
Lucas		
Bia		
Paulo		
Miguel		
Eloá		
Gabriel		
Mariana		
Patrícia		
Luiz Miguel		Não
Carol		
Ana Rita		
Roberta		
Roberto		

Fonte: A autora

### 3.4 Contexto da escola

O estudo foi realizado com alunos de uma escola localizada no interior do Estado de São Paulo. A escola estava situada em uma região distante do centro da cidade, vizinha de um centro industrial e que tinha como alunado uma população carente. A unidade atendia somente o nível de Ensino do Fundamental II e funcionava em dois períodos, tinha em sua totalidade uma quantidade aproximada de 296 alunos, sendo 169 alunos matriculados no período da manhã e 127 no período da tarde. A escola também apresentava um alto índice de violência social.

No momento em que foi realizado o estudo, a escola possuía 10 salas de aula, 1 biblioteca e 1 sala de recursos. Para a Educação Física, havia uma quadra coberta e um pátio descoberto. Em relação aos materiais, a escola possuía uma boa quantidade de materiais, a professora conseguia bastante material devido a suas participações em Jogos Escolares anteriores, porém, ainda assim, precisava fazer algumas adaptações para realizar algumas atividades, um exemplo, utilizava carteiras velhas para fazer golzinho no pátio. Na quadra havia dois gols e duas tabelas de basquete, além de um mastro para colocar a rede de vôlei.

### 3.5 Análise de Dados

Os dados coletados foram agrupados em um quadro que foi dividido em duas partes, sendo a primeira parte destinada aos alunos que participaram ou não dos jogos, e a segunda parte destinada a observação assistemática dos treinos. Um exemplo pode ser conferido a seguir:

Quadro 4 – Análise de dados (Primeira parte)

Participante	Ano	Questão	Resposta	Síntese	Categorias
Julia	7º ano	Como costumam ser selecionados os alunos aqui da sua escola para disputar os Jogos Escolares?	Acho que quem participa bastante da Educação Física e quem treina bastante	Quem participa da Educação Física e treina bastante	Esporte de rendimento enraizado na escola

Fonte: A autora

Quadro 4 – Análise de dados (Segunda parte)

Dia/ Data	Observação	Síntese	Categorias
Dia 2 –	Aula de Educação Física dividida em	Meninas treinando	Os treinos e as

Data: 23/04/2019	meninas treinando vôlei e os meninos utilizando o espaço do fundo da quadra para treinar fundamentos do Handebol (Parede) em vários momentos os meninos atrapalhavam as meninas, deixando a bola cair no espaço destinado a elas de propósito. A aula de Educação Física foi dividida em dois nesse dia, a primeira aula foi destinada ao treino para os Jogos Escolares e a segunda aula para o conteúdo programado da disciplina. Os alunos que não pertenciam a nenhum dos grupos de treinamento, ficaram sentados no pátio ou na quadra, as vezes conversando ou pediam para pegar jogos para jogar com os amigos.	vôlei e meninos treinado Handebol. Aula de Educação Física dividida entre treino e aula regular	aulas regulares
---------------------	--	---	-----------------

Fonte: A autora

Sobre a análise, após a coleta de dados, Bogdan e Biklen (1991) trazem que:

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 221)

Com base nestas dinâmicas e orientações, foram criadas três categorias de análise, sendo:

1. O esporte de rendimento enraizado na escola;
2. Os treinos preparatórios para os Jogos Escolares e suas influências nas aulas regulares de Educação Física;
3. A relação dos alunos, tanto os participantes quanto os não participantes, com os Jogos Escolares do Estado de São Paulo

No próximo capítulo, as falas dos entrevistados serão apresentadas de maneira integral, a estrutura de identificação será: nome fictício, se o aluno é participante ou não dos Jogos Escolares, e o ano escolar. Já nas observações serão apresentadas o espaço que foi utilizado para o treinamento, qual atividade estava sendo feita e quais alunos estavam participando.

## CAPÍTULO IV

### AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO

#### 4.1 Esporte de rendimento enraizado na escola

Nesse subcapítulo, foi relatado como o esporte de rendimento ainda está enraizado na escola. Essa parte corresponde a primeira das três categorias encontradas para a análise dos dados. A partir da fala dos alunos entrevistados, tanto dos participantes dos Jogos Escolares, quanto dos não participantes, foi notória a quantidade de vezes citada de que somente aqueles que tem o melhor desempenho esportivo é que participavam dos Jogos Escolares. Quando questionados sobre como os alunos eram selecionados para participar dos jogos, foram recorrentes as respostas: *A professora ela seleciona e vê, quem está jogando melhor* (MIGUEL, participante, 9º ano), *Quem mais vem nos treinos, quem de se destaca mais* (FLAVIA, participante, 7º ano), *Você tem que jogar bem, tem que tentar acertar os passes, não errar e fazer o que ela (professora) manda* (LUÍS, não participante, 6º ano) e *Acho que são os melhores que a professora seleciona* (MARIA, não participante, 8º ano) e

Primeiro você tem que conversar com a professora para ver se ela te aceita e se você tiver algum talento no esporte... ah não precisa ser um talento, mas tem que saber jogar (JULIANA, participante, 7º ano)

Esse pensamento já está tão enraizado dentro do esporte escolar, como destacam Pimenta e Honorato (2010), evidenciando a aproximação dos discursos dos alunos com aqueles que aparecem na mídia. Deste modo, a escola se torna um espaço de reprodução daquilo que aparece na televisão, alimentando a ideia de que a prática esportiva na escola se orienta pelo contexto do esporte de rendimento.

Martins e Paixão (2014) contribuem dizendo que deve-se considerar a Educação Física como componente curricular, que tem como fim a formação do aluno, e que tem o esporte, como um dos conteúdos da Educação Física. Todavia, a maior problemática que este conteúdo evidencia é como será trabalhado dentro da escola, uma vez que a estrutura mais utilizada é aquela pautada no rendimento, no

mercantilismo e na espetacularização. Diante desse cenário, mesmo quando perguntado a um aluno o que ele gostaria de mudar dentro da estrutura dos Jogos Escolares, ele enfatizou que quem quisesse poderia participar, mas que para entrar no jogo, teria que ser bom: *Deveria participar quem quisesse, mas pra entrar no time, teria que jogar bem* (LUÍS, não participante, 6º ano).

Já para outros três alunos, podemos observar o surgimento de relatos o seu medo de participar, e o incômodo da não participação: *Me senti bem nervosa por que eu achei que as outras pessoas eram melhores, eu nunca fui muito boa, sabe? Por que eu não treino a muito tempo [...]* (PATRÍCIA, participante, 9º ano). No segundo caso, temos a fala de uma não participante que diz que não participa dos Jogos Escolares por que ela acredita ser ruim no esporte e pior, que os companheiros de equipe iriam ficar bravos com ela se ela errasse: *De boa, assim, eu queria participar, mas já que eu sou ruim eu nem tento por que eu penso que tipo, eles vão ficar com raiva de mim por eu errar alguma coisa* (MARIA, não participante, 8º ano). O terceiro, aluno evidenciou que, esse ambiente, que tinha tudo para ser um ambiente de aprendizado e para os alunos se sentirem a vontade, mas acaba se tornando um ambiente hostil.

[...] tem hora que eu olho e falo que... como eu pudesse estar lá... mas depende da pessoa e do por que ela não está jogando, tipo, se ela não quer, não tem o porquê de eu ficar assim (chateado) mas se é por que ela queria e não estava jogando bem, aí eu fico meio assim... tipo ela poderia estar jogando, ela está aprendendo, tipo isso... (ROBERTO, não participante, 9º ano)

Os alunos enxergam o objetivo do treinamento que aconteciam tanto nos momentos de ACD quanto nas aulas de Educação Física como um momento de aperfeiçoamento de suas habilidades no esporte, um espaço de refinamento da prática: *A professora ela coloca assim... sabe... ela pergunta se você quer jogar aí ela coloca, tem que ser a pessoa boa no esporte... ah se a pessoa se interessar, ela vem treinando até ficar boa* (PATRÍCIA, participante, 9º ano). *A gente vai treinando até a gente ficar bom, vai ganhando destaque* (ELOA, participante, 9º ano)

Dando prosseguimento a esse pensamento, quando questionados como eram realizados os treinos preparatórios para os Jogos Escolares, a maioria apresentou relatos de que eles realizavam treinamentos de fundamento, treinamentos táticos e até físico como preparação para os jogos: [...] *A gente treina marcação de defesa,*

*de ataque, a gente também treina o corpo em geral* (JULIA, participante, 7º ano), [...] *Quando começa o ano os treinos começam, a professora passa físico, tem vezes que ela passa coletivo* (JOÃO PEDRO, participante, 8º ano), [...] *a gente treina aqui na escola mesmo, tem várias matérias, a gente faz físico, a professora também esforça bastante pra dar o máximo da gente* (EDUARDO, participante, 9º ano) e [...] *Lá a gente treina a modalidade que a gente vai jogar, tem o coletivo, fundamento, passe, marcação* (GABRIEL, participante, 9º ano).

Nogueira (2015) observou uma equipe escolar de treinamento, a partir de suas colocações, é possível encontrar semelhanças com estas encontradas neste trabalho:

As sessões eram divididas em quatro momentos, com variações no tempo e intensidade no decorrer da periodização: preparação física; aquecimento específico; exercícios simples em que apenas um fundamento era enfatizado; exercícios complexos, pelo treinamento simultâneo de diversos fundamentos técnicos. [...] (NOGUEIRA, 2015, p. 6)

Ainda sobre o mesmo autor, ele diz que essas práticas esportivas de treinamento, promovem a formação da experiência de jogo, onde elementos táticos e técnicos das modalidades são aperfeiçoados e algumas vezes aprendidos. O autor ainda complementa o pensamento dizendo que se olhar para o treinamento esportivo de equipes escolares e rotula-lo como pouco educativo, por ter essa pauta no esporte de rendimento, também pouco irá ser dito sobre a formação da experiência de jogo e o lugar dos alunos-atletas dentro desse processo (NOGUEIRA, 2015).

Mesmo como todos esses pontos e opiniões, reforçando a inegável existência do esporte de rendimento enraizado na escola, diante desse cenário, houve opiniões contrárias as apresentadas, surgiram duas falas, o relato de uma aluna que gostaria de que todos participassem e um discurso diferente daqueles que já apareceram neste trabalho, o de que fosse ensinado o jogo para aqueles que não sabem jogar. Em se tratando de um ambiente escolar era esperado que o esporte fosse ensinado, estudado, apropriado com alguma significância que não fosse apenas o rendimento, entretanto, o que se encontrou foi o jogo baseado no bom rendimento esportivo: [...] *todo mundo participar... seria bem legal todo mundo participar*” (DANIELA, não participante, 8º ano) e *“Eu acho que primeiro tinha que ensinar as pessoas que não*

*sabem ai depois ir jogando pra ver quem gostou [...] e não ir direto, entendeu?*  
(MARIA, não participante, 8º ano)

#### 4.2 Os treinos e as aulas regulares

Nesta categoria apresentaremos como os treinos preparatórios que deveriam acontecer nos momentos destinados às ACDs e as aulas regulares, muitas vezes, se confundem. Os alunos, em alguns momentos, relataram que estavam jogando na Educação Física e foram chamados para participar dos treinos preparatórios, outras vezes, o espaço da Educação Física se tornava um espaço de treino, no qual somente aqueles que iriam participar dos Jogos Escolares participavam.

O problema inicial encontrado foi de que os alunos se confundiam o que era a aula regular de Educação Física e o que era treino, devido ao fato de que essas duas atividades se misturavam enquanto atividade escolar. Na observação do dia 3 dos treinos, identifiquei que

[...] treino ocorrendo no período antecedente da aula de Educação Física do 9º ano (terceira aula) ao início da aula de Educação Física do 9º ano, quatro alunos em específico não participaram da aula de Educação Física regular, que estava acontecendo em um outro local (sala de aula) e continuaram treinando com alguns alunos do período da tarde.

A partir disso fica constatado que os alunos estavam em sua aula de Educação Física, mas não estavam fazendo o conteúdo que foi destinado aquela aula. Nas entrevistas, quando questionados quem eram os alunos selecionados para participar dos Jogos Escolares, surgiam frases como: *Acho que quem participa bastante da Educação Física e treina bastante* (JULIA, participante, 7º ano), *Quem a professora acha que se destaca, acha melhor na educação física [...]* (HENRIQUE, participante, 8º ano), *Ah eu estava jogando na Educação Física e a professora me chamou. Eu não estava participando dos treinos e eu só treino na aula de Educação Física* (LUCAS, participante, 9ºano), *A professora ela sempre pergunta, ela vê quem se destaca mais na Educação Física, vê quem participa mesmo, quem joga bem [...]* (MARIANA, participante, 9º ano)

Existiam casos de que, com os espaços da quadra e pátio sendo utilizados para os treinamentos dos jogos, alunos da aula regular de Educação Física, que não eram participantes dos jogos, ficavam excluídos das atividades durante duas aulas, como foi observado no quarto dia de observações dos treinos:

Pátio sendo utilizado para o treino do futsal, quadra interna para os meninos treinarem Handebol em um primeiro momento, meninas treinando vôlei em um segundo momento. Alunos que não participavam dessas duas atividades, ficavam de fora, em sua maioria conversando. (DIA 6)

Também era comum encontrar alunos que saíam de suas aulas, podendo ser elas de Educação Física ou não, e iam participar dos treinos

[...] os treinos são de terça e quarta, o horário eu não sei, mas as vezes ela treina quando tem aula, mas é quase nunca... aí eu saio da aula e pego as coisas com a minha irmã depois (JULIANA, participante, 7º ano)

Os treinos são de manhã das 7h as 13h30 e a tarde é do 12h40 as 15h10 e pega o meu horário de aula, então, como agora, eu estou na Educação Física eu treino agora nessa aula, no intervalo e depois [...] (EDUARDO, participante, 9º ano)

E [...] os treinos são de terça e quarta acho, não sei... pega o horário da minha aula, mas eu treino só quando é aula vaga (LUCAS, participante, 9º ano)

Reverdito *et al.* (2008) relatam algo semelhante quando dizem que a aula de Educação Física vem se tornando espaço de treinamento, porém, para os alunos das equipes que participam dos Jogos Interclasses:

Essa situação antecede até mesmo ao próprio evento, nas aulas de Educação Física regular. As aulas acabam se tornando verdadeiros espaços de treinamento para equipes representantes de cada turma. Os protagonistas são exclusivamente os melhores e quase sempre reduzidos a um seletor grupo, alimentando estereótipos e acarretando a eliminação de qualquer possibilidade da participação de outros alunos. (REVERTIDO *et al.*, 2008, p.3)

É difícil afirmar que esse fato acontece com todos os alunos, todavia parece haver certa diferença entre eles, devido ao fato de que, assim como se tem fala de alunos que alegam sair de suas aulas regulares para participar dos treinos, há alunos que afirmam que treinam somente no período contrário de suas aulas.

Os treinos são de terça e quarta, a gente treina aqui na escola junto, é no horário contrário da minha aula. A gente treina Hand, futsal e vôlei, A gente troca passes, a gente vai quicando a bola para finalizar... (ALINE, participante, 7º ano)

Assim, eu participei de uns 3 treinos que foi onde me chamaram para participar do jogo [...] eles são a tarde para o período da manhã,

normalmente é a tarde... a gente treinar o passe... aí tem muita coisa (LEO, participante, 8º ano)

Na sequência, destacamos duas falas, uma que mistura os dois pensamentos e exemplifica ainda mais a confusão que se faz em relação aos horários destinados aos treinos preparatórios para os Jogos Escolares, e uma segunda que aparece mais como um desabafo de uma aluna, que tem o seu horário de aula da Educação Física, na maioria do tempo, utilizado como espaço de treinamento:

[...] não acontece no mesmo horário da aula, tipo o de tarde vem de manhã e o de manhã vai a tarde. Tem alguns alunos do horário da manhã eu acho que vão para treinar, sai da aula e vão treinar, mas só com a autorização do professor (PATRÍCIA, participante, 9º ano)

Eu não sei dizer, mas... posso falar em relação ao treino? Acho que deveria ser em período contrário da aula... tipo o treino do pessoa da manhã deveria ser a tarde e vice versa por que sempre foi no mesmo horário, tipo se o aluno estuda de manhã ele sai da sala e vai treinar, eu acho que de certa forma é errado por que tudo bem ele não está sem fazer nada mas eu acho que de certa forma é errado ele sair da sala para treinar então poderia vir no período contrário para fazer isso e ai não ia atrapalhar de nenhuma forma os estudos (ROBERTA, não participante, 9º ano)

A partir das observações ainda foi constatado que a professora fazia o uso das aulas regulares de Educação Física da forma que ela entendia ser melhor. Na maioria dos dias observados, as duas aulas de Educação Física do 9º ano raramente eram utilizadas como aulas propriamente ditas, sendo divididas em uma aula destinada aos treinos e outra aula destinada ao conteúdo a ser desenvolvido na Educação Física. Isso pode ser exemplificado no relato de observação de dois dias:

Aula de Educação Física dividia em meninas da sala treinando para jogar o vôlei e meninos ao fundo da quadra fazendo parede [...] raramente as duas aulas de Educação Física eram utilizadas como aula menos, sendo na maioria das vezes uma aula de treino e outra aula como conteúdo da aula (DIA 7)

Participação de um ex-aluno da escola para treinar com os alunos que iriam para os jogos. Os alunos ficaram muito animados e contentes com a presença do ex-aluno. Nesse dia, os alunos regulares da Educação Física tiveram aula em sala (propositalmente) (DIA 5).

#### **4.3 Relação dos alunos com os Jogos Escolares do Estado de São Paulo**

Apresentaremos aqui a relação existente entre os alunos com os Jogos Escolares, mais precisamente, como os participantes se sentem dentro dos jogos,

qual relação eles estabelecem com o oponente, qual a motivação deles para participar, e em relação aos não participantes, como eles se sentem a respeito dessa não participação, se eles tem algum interesse em participar e como se sentem em relação a isso. Para melhorar o entendimento, a categoria foi dividida em duas partes: 1. A visão dos alunos participantes, e 2. A visão dos não participante, em um segundo momento.

Começando pelo primeiro, os alunos participantes descrevem quais são suas maiores motivações para participar dos Jogos Escolares:

*Ah é que eu gosto de jogar sabe? É legal...* (PATRÍCIA, participante, 9º ano), *Ver vídeos de pessoas jogando no Youtube* (LUCAS, participante, 9º ano), *Me motivou o fato de eu poder trazer títulos para a escola* (MIGUEL, participante, 9º ano) e *A professora me motivou. Ela sempre fala pra gente ir, se esforçar, treinar mais se possível* (HENRIQUE, participante, 9º ano).

A partir dessas falas é possível ver as diferentes fontes de motivação dos alunos, as falas que mais se repetiram passavam por inspirações a partir de outras pessoas, que iam desde alunos mais velhos da escola, até familiares e a própria professora, o patriotismo em relação a escola também era algo notável, os alunos ficavam muito felizes e motivados por estarem carregando o nome da escola e poder trazer esse orgulho para a comunidade escolar.

Nogueira (2015) faz uma importante observação sobre o mesmo fato em seu trabalho, o autor diz que:

O professor se distinguia como fonte de motivação para a experiência esportiva, não para conduzir a equipe como um exército, nem para fazer da disciplina algo fácil e amável, mas compunha um tipo de relacionamento amigável; um trabalho pautado em princípios como respeito [...] e orgulho em fazer parte dessa instituição. (NOGUEIRA, 2015, p.5)

Nos relatos seguintes, os alunos evidenciaram pontos positivos que eles encontraram durante a sua participação nos Jogos Escolares. Esses pontos foram os que mais os marcaram durante as suas trajetórias nos Jogos Escolares:

Em Americana, a gente tinha ganhado um jogo e perdemos outro, ai a gente começou a ganhar de um time muito com, eles começaram a fazer um monte de gol, a gente começou a virar mas no final a gente perdeu. Mesmo perdendo, foi uma marca positiva (GABRIEL, participante, 9º ano)

*Só de participar, já me deixou feliz* (ALINE, participante, 7º ano), *Foi bom, por que eu joguei várias modalidades. Eu fiz bastante gols e fiquei bem feliz* (HENRIQUE, participante, 8º ano) e *Eu senti que... como eu posso falar, tipo os caras que jogam lá, tipo um atleta* (Luiz Migue, participante, 9º ano).

Frizzo (2013) realizou um trabalho com alunos participantes dos Jogos Escolares, e não surpreendentemente, a maioria dos alunos expressou um caráter de competitividade elevado e a possibilidade de se tornar um futuro atleta como maior motivação para participar dos jogos

Assim como existiram alunos que enxergaram os pontos positivos, a partir de sua participação, também houve os alunos que destacaram pontos negativos. O questionamento aqui fica em cima da primeira fala que vem a seguir, um aluno do 9º ano, que participa dos Jogos Escolares desde o 6º ano, com todos esses anos de vivência dentro do contexto dos Jogos Escolares, vê um cartão vermelho como aquilo que mais o marcou. As falas seguintes fazem questionamentos a respeito de outros participantes, tanto de companheiros de equipe, quanto dos adversários, mostrando como é complicada essa relação interpessoal nesse ambiente de competição: *Eu ter tomado um cartão vermelho. O cara se jogou e o juiz deu cartão vermelho para mim. Eu não mereci o cartão vermelho. Fiquei triste e chorei* (LUCAS, participante, 9º ano), *Bem, uma coisa chata, basicamente é que tem muitas pessoas por aí que são egoístas nos jogos, tem vezes que eles ajudam, mas essa é a única parte boa* (PAULO, participante, 9º ano) e *Uma coisa que foi muito chata foi quando os caras ficam zombando da gente quando a gente perde um jogo, mas aí a gente tem que ficar normal, tem que ir...* (LUIZ MIGUEL, participante, 9º ano).

Na sequência, será visto como os alunos se sentiam dentro do jogo e quais impressões eles tinham a respeito dos adversários: *Nervosa, também com medo de errar os passes, errar a mira do gol* (CRIS, participante, 7º ano),

Eu me senti confiante, não confiante que eu ia perder, mas que eu ia ganhar. Eu estava feliz também, tipo, minha primeira vez que eu sai para jogar foi no atletismo e eu perdi, mas tudo bem (JULIANA, participante, 7º ano)

*Eu senti nervoso, fique feliz. O nervosismo atrapalhou, mas depois fui acostumando* (LUCAS, participante, 9º ano)

Me senti um pouco com vergonha, mas me senti animado também por que eu estava com as pessoas que são meus amigos, com as pessoas que também me apoiam (PAULO, participante, 9º ano)

É muita pressão, você quer ganhar, você quer dar orgulho para escola, você quer sentir que você fez algo bom pela escola, você quer sentir uma sensação de positividade, é legal ter o trabalho em grupo, a gente ganhou, a escola vai ficar orgulhosa, a gente vai ganhar vários troféus e vai deixar uma marca aqui quando sair (ELOA, participante, 9º ano)

*Eu sou meio baixinho aí eu tinha a impressão que eles eram sempre maiores que eu, mas no final a gente sempre acabava ganhando* (HENRIQUE, participante, 8º ano)

Fique um pouco nervoso, mas aí foi indo e foi passando. Eu os achei melhores que a gente, mas aconteceu que a gente ganhou. Eles eram do mesmo tamanho que a gente, mas o físico deles era melhor (JOÃO PEDRO, participante, 8º ano)

Alguns eram bem fortes, maiores do que eu e mesmo na mesma categoria que a minha, mas dava pra jogar bem, eu consegui fazer alguns gols, só que eles fizeram gol em cima de mim por que eles eram muito altos, jogavam muito bem (CAIO, participante, 9º ano)

A partir dessas falas é perceptível como cada um lida com as situações que o jogo proporciona, alguns acreditam que o nervosismo atrapalha, outros conseguem lidar melhor com isso e usar esse fator a seu favor. Fica nítido novamente a questão do patriotismo encontrado na escola, como é importante para eles ganhar um título e deixar uma marca positiva na escola, a partir do esporte. As relações estabelecidas com os adversários eram, em sua maioria, de inferioridade, a maioria dos alunos enxergava os alunos das outras escolas como superiores, sempre mais fortes, mais rápidos, mais habilidosos, porém, mesmo diante dessas adversidades, era possível desenvolver um jogo equilibrado e limpo.

Sobre mudanças que eles fariam nos Jogos Escolares, entendemos que esse poderia ser um tópico mais explorado pelos alunos, só que o que aconteceu foi o contrário, era muito comum encontrar frases do tipo: “Eu não mudaria nada, do jeito de esta, tá bom”. Em termos numéricos, onze dos dezenove participantes não fariam nenhuma mudança no formato dos Jogos Escolares, como pode ser visto nessa sequência de falas: *Acho que tá bom* (FLÁVIA, participante, 7º ano), *Ah do jeito que está, tá bom, eu acho que todo mundo tem a oportunidade de participar* (CAIO, participante, 9º ano), *Eu acho que do jeito que está, é uma boa categoria, está com uma boa tabela, não tá tão forte, tá equilibrado [..]* (EDUARDO, participante, 9º ano)

e *Do jeito que está, tá bom. Tem gente que não participa por que não gosta [...]* (MIGUEL, participante, 9º ano).

Os que sugeriram alguma mudança, sugeriram uma quantidade maior de jogos, algumas mudanças pontuais nas regras, como a não exigência de calçados específicos. Dentre as falas, destacamos duas delas. A primeira de uma aluna que a sua vontade era que os Jogos Escolares tivessem um lugar fixo para acontecerem, por que assim, ela teria a oportunidade de jogar com seus familiares na torcida, algo que tem muita importância para ela. Já a segunda, foi a de um aluno que sugeriu uma maior quantidade de modalidades para serem jogadas, mas, no entendimento dele, quem deveria escolher as modalidades era a professora da escola, e não algo já combinado e estabelecido previamente:

Eu acho que tá bom, mas eu esperaria que tivesse uma quadra própria pra gente jogar. A gente joga em algumas escolas, o lugar é sempre fechado. Eu queria que tivesse um lugar fixo pra gente jogar por que assim, os pais poderiam ir, poderia ter gente pra ir ver, poderia levar algumas pessoas da escola para torcer [...] se o pessoal da escola fosse ia ser legal, para eles assistirem a gente (ELOA, participante, 9º ano)

Eu gostaria que... tem gente que não gosta tanto desses jogos... eu também não gosto tanto deles mas assim, eu gostaria que a professora colocasse não só os que os melhores gostam, tipo, fazer uma votação, quem gosta disso, quem gosta daquilo e quem não gosta [...] eu queria que acontecesse para que as pessoas pudessem praticar esportes e se divertir (PAULO, participante, 9º ano)

Falando agora da perspectiva dos não participantes a respeito dos jogos, começando por quais mudanças eles fariam, a partir das respostas encontradas, ficou claro que a maioria deles não tinha um entendimento de como aconteciam os jogos. Muitos falavam sobre isso, que não era possível desejar alguma mudança na estrutura, se não se tinha o conhecimento de como funcionava:

Eu acho que... como no caso eu não participo, não dá pra eu falar, tipo, primeiro a gente tem que experimentar para depois dar a nossa opinião. Só que tipo assim, que a escola doasse bastante dinheiro né, que as pessoas doassem dinheiro direto, o que seria ótimo [...] (MARCELA, não participante, 6º ano)

*Eu não sei, eu nunca participei então eu não sei como funciona* (RODRIGO, não participante, 6º ano)

Deveria ser mais ou menos... como eu devo dizer... você vai lá e participa por participar, aí você ganha um prêmio, é assim neh? Mas pra mim você foi lá competir pra tipo, fazer alguma coisa, algum bem, tipo, doar pra caridade?! [...] (ESTER, não participante, 8º ano)

*E Ah não sei... pelo o que eu sei não mudaria nada* (ANA RITA, não participante, 9º ano)

A respeito de sua não participação nos jogos, os alunos se mostravam bem conformados, e citavam em dar lugar para alunos mais qualificados, sendo comuns respostas com um tom de *Ah, interesse eu tenho em participar, mas...* como pode ser visto a seguir: *Ah normal né, por que vai dar uma oportunidade para uma pessoa que sabe melhor [...]* (RODRIGO, não participante, 6º ano),

Ah normal, tipo assim, eu fico triste por que a pessoa não está participando, se ela quisesse, ela poderia correr atrás um pouquinho, eu tenho um monte de amigo que participa nos esportes, mas eu não ligo (MARCELA, não participante, 6º ano)

*Não sei, eu só não faço muita questão mesmo* (ROBERTA, não participante, 9º ano)

Eu tenho interesse por que eu já faço esporte, daí eu gosto, mas nunca participei dos Jogos Escolares. Fica meio complicado pra mim por que eles vêm de tarde na escola, também tem os jogos, daí não dá o tempo (ANA RITA, não participante, 9º ano)

Eu tenho interesse, meu esporte favorito é o futebol, eu não treino na escola por que eu ficava com vergonha por que eu era a única menina. Tinha outras meninas em outros esportes, mas eu tinha muita vergonha (MANU, não participante, 7º ano)

*Interesse eu tenho, mas eu tenho problema no coração, eu não posso participar de coisas de correr*” (Rodrigo, não participante, 6º ano) e *A respeito da não participação, então, não sei, as vezes eu me sinto só...* (MANU, não participante, 7º ano)

Falando primeiro do Rodrigo, um aluno que disse ter problemas no coração e conseqüentemente não poderia realizar nenhuma atividade aeróbica, por parte da escola, não é pensado em nada para que ele possa contribuir, existem algumas modalidades dos Jogos Escolares que não exigem um esforço físico elevado, porém, aparentemente, ninguém vai atrás de buscar um conhecimento a respeito das mesmas, ele apenas não joga as modalidades tradicionais escolhidas e fica por

isso mesmo. Sobre a fala da Manu, é sério o fato de uma aluna se sentir só dentro do contexto escolar por ela não participar dos jogos, esse evento já é algo tão enraizado na escola, que quando você não é um dos participantes, um dos “atletas” da escola, é plausível esse sentimento, sem mencionar o fato de que ela era a única menina dentro de um treino de futsal, evidenciando outros problemas do esporte na escola, mais precisamente nessa escola, onde a preferência pelo Handebol tanto para as meninas quanto para os meninos foi observada.

É interessante ver o contraste existente entre as falas e perspectivas dos alunos a respeito dos jogos, um fato significativo é a importância que esse evento tem dentro do contexto escolar, tanto para os participante quanto para os não participantes. Ainda que estes alunos não saibam a estrutura exata ou como ocorrem os Jogos Escolares, todos, sem exceção, partilham de uma comoção para que os alunos tenham um bom aproveitamento dos jogos e representem bem a escola.

## **CAPÍTULO V**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi apresentado, a partir do objetivo desse trabalho, que era analisar as relações das aulas de Educação Física com os Jogos Escolares nas perspectivas dos estudantes, nota-se que o esporte pautado em princípios de rendimento ainda está muito presente no espaço escolar, desde a separação existente nas aulas de Educação Física, para alunos participantes e não participantes dos Jogos Escolares. O treino preparatório se mostrou profundamente pautado em gestos técnicos e preparo físico. Parte dos alunos ainda não compreende o formato dos Jogos Escolares do Estado de São Paulo. Já aqueles que já fazem parte das equipes, muitas vezes, não veem necessidade de mudança, pois na realidade, não os foi apresentado um esporte que fosse diferente daquele visto na mídia. Os alunos participantes, em grande parte das situações observadas, têm uma relação de atleta com os Jogos Escolares, frequentemente sentindo-se nervosos e ansiosos para os jogos e com sensação de inferioridade para com o oponente. Entre os não participantes, houve demonstração de interesse em participar dos Jogos Escolares, mas destacaram não encontrar maneiras para isso.

Esse trabalho se faz notório pelo fato de que essa é uma área ainda pouco explorada dentro da Educação Física escolar, explorar a visão dos alunos a respeito das aulas de Educação Física e dos Jogos Escolares é interessante, pois tem-se uma outra perspectiva sobre o evento, que não a dos organizadores e dos professores envolvidos.

Se o estudo fosse realizado novamente, teria tentado abranger uma maior quantidade de alunos, sejam aqueles que estudavam em outro período, pois o questionário foi aplicado somente com os alunos que estudavam no período da manhã, quanto os alunos de outras escolas, já que o estudo foi realizado em apenas uma escola. Com isso, poderiam ter sido identificadas outras perspectivas sobre o tema abordado.

As contribuições desse trabalho para minha formação se deram na perspectiva de reconhecer que os alunos são protagonistas da prática, devemos sempre escuta-los e dar importância para o discurso que eles carregam, bem como,

apresentar uma perspectiva de esporte que vá além da prática, e mais importante, fazer com que eles reflitam a partir do esporte como fenômeno social e que, pelo menos no espaço dentro da escola, eles são livres para imaginar e modificar o esporte das mais variadas formas e dinâmicas.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Qualitative Reserarch for Education*, 1991. *Investigação qualitativa em educação*. Porto, Portugal. PORTO EDITORA, 1994
- COSTA, Isabelle Ploniciak *et al.* Jogos Escolares do Paraná: análise da competição no Município de Curitiba. **Educación Física y Ciencia**, Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Educación, vol. 19, nº 1, e023, junho 2017.
- COSTA, Luciane Cristina Arantes da *et al.* O esporte na educação física escolar: um conteúdo com potencial emancipador. **Movimento**, Porto Alegre, p. 1077-1096, jan. 2019. ISSN 1982-8918.
- FORTES, M. O. *et al.* A Educação Física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.
- FRIZZO, Giovanni. Os jogos escolares como mecanismos de manutenção e eliminação: uma crítica à lógica esportiva na escola. **Movimento**, Porto Alegre, p. 163-180, ago. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/38628/27449>>. Acesso em: 06 fev. 2019. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.38628>.
- GIUSTI, João Gilberto Mattos *et al.* O ensino do esporte através do jogo: análise, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 20, n. 3, nov. 2017
- ILHA, Franciele Ross da Silva; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Esportivização da educação física escolar: um dispositivo e seus regimes de enunciação. **Movimento**, Porto Alegre, p. 173-186, dez. 2015.
- LUDKE Menga, ANRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- MALDONADO, Daniel Teixeira. Ensino dos esportes na escola pública e o desenvolvimento do pensamento crítico de alunos do ensino médio. **Conexões**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 213-230, out. 2015.
- MARIN, Elizara Carolina et al. Manifestações esportivas e festivas nas escolas do campo e da cidade. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 15, n. 2, jun. 2012.
- MARTINS, Volni Fernando; PAIXÃO, Jairo Antônio. Trato com o conteúdo esporte nas aulas de educação física escolar: do discurso à prática atual. **Conexões**, Campinas, SP, v. 12, n. 3, p. 18-33, nov. 2014.
- PIMENTA, T.; HONORATO, T. Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 4, p. 493-505, 1 dez. 2010.
- NOGUEIRA, Quefren Weld Cardozo. Equipes esportivas no colégio arquidiocesano sagrado coração de Jesus: anotações sobre a experiência de jogo como formação. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 731-742, jun. 2015.

REVERDITO, R., SCAGLIA, A., Silva, S., Gomes, T., Pesuto, C., & Baccarelli, W. (2008). Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 18 fev. 2008.

SANTOS, M.; NISTA-PICCOLO, V. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 1, p. 65-78, 1 mar. 2011.

SADI, R.; COSTA, J.; SACCO, B. Ensino de esporte por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 14 mar. 2008.

SAWITZKI, Rosalvo Luis. Esporte Escolar: aspectos pedagógicos e de formação humana. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 31, p. 132-142, jul. 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## APENDICÊS

### APÊNDICE 1 – Carta de Apresentação



Bauru, 09 de Abril de 2019.

**Prezadas Diretora e Professora de Educação Física,**

Na perspectiva de contribuir com a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação Física da UNESP/Bauru, venho mui respeitosamente solicitar consentimento para a realização do projeto de pesquisa intitulado **“Aulas de Educação Física e os Jogos Escolares – reflexões sobre esses dois cenários”**

O referido projeto de pesquisa a ser desenvolvido pelo **Marília Balduino dos Santos** sob minha orientação, tem por objetivo central **“Investigar como os Jogos Escolares podem ajudar a difundir o esporte e o espírito esportivo nos jovens, bem como, analisar a visão que os mesmos tem para com este tema.”** Para tanto, prevê observações e intervenções nas respectivas aulas com uma turma do ensino fundamental, fazendo uso de observações das aulas de Educação Física e entrevistas com a devida autorização dos sujeitos envolvidos em documento específico, para uso exclusivamente acadêmico.

Sem mais para o momento, agradeço e me coloco a disposição para dirimir eventuais dúvidas.

**Nome da coordenadora da pesquisa: Lilian Aparecida Ferreira**  
**Professora do Departamento de Educação Física da UNESP/Bauru**  
**Fone: (14) 99701-3739 E-mail: lilian.ferreira@unesp.br**

APENDICE 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU**  
**Faculdade de Ciências**

**Termo de Assentimento Livre e Esclarecido**

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

Olá, estamos convidando você para participar do trabalho intitulado “Aulas de Educação Física e os Jogos Escolares – reflexões sobre esses dois cenários”. O presente estudo tem como objetivo investigar como os Jogos Escolares podem ajudar a difundir o esporte e o espírito esportivo nos jovens, bem como, analisar a visão que os mesmos têm para com este tema.

A participação dele/a irá ajudar outras pessoas a importância dos Jogos Escolares, contribuindo para que sejam divulgados e pensados modos de vivências que melhor favoreçam as aprendizagens dos estudantes.

Ele/ela irá participar de uma entrevista contendo perguntas sobre os Jogos Escolares e os treinos para os mesmos. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais ele/ela esteja participando. A entrevista será realizada em momentos que comprometam as aulas dele/a e com a autorização do/a professor/a. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará o comportamento do/a seu/sua filho/a, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos para responder o questionário ou para ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá oferecer todo o suporte necessário.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação.

Caso você não entenda algo sobre o questionário, não goste de qualquer situação que identificar durante as observações ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar a professora Lílian Aparecida Ferreira, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (14) 99701-3739.

Não vamos falar seu nome/identificação em nenhum lugar, nem repassaremos suas informações a qualquer outra pessoa. O que você fizer ou falar durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS, elas falam sobre o respeito ao ser humano que participa de pesquisas.

Eu \_\_\_\_\_ aceito  
participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a pesquisador/a

Nome da coordenadora da pesquisa:

Lílian Aparecida Ferreira

Fone: (14) 99701-3739

E-mail: lilian.ferreira@unesp.br

APENDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU**  
**Faculdade de Ciências**

Bauru, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

O/a menor \_\_\_\_\_, sob sua responsabilidade, está sendo convidado/a como voluntário/a para participar da pesquisa intitulada “Aulas de Educação Física e os Jogos Escolares – reflexões sobre esses dois cenários” O presente estudo tem como objetivo investigar como os Jogos Escolares podem ajudar a difundir o esporte e o espírito esportivo nos jovens, bem como, analisar a visão que os mesmos tem para com este tema.

A participação dele/a irá ajudar outras pessoas a importância dos Jogos Escolares, contribuindo para que sejam divulgados e pensados modos de vivências que melhor favoreçam as aprendizagens dos estudantes.

Ele/ela irá participar de uma entrevista contendo perguntas sobre os Jogos Escolares e os treinos para os mesmos. Também serão observadas aulas de Educação Física nas quais ele/ela esteja participando. A entrevista será realizada em momentos que comprometam as aulas dele/a e com a autorização do/a professor/a. As observações serão realizadas por um/a pesquisador/a que não fará qualquer interferência nas aulas e nem avaliará o comportamento do/a seu/sua filho/a, registrando-as em um caderno de anotações.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos que ele/ela sentir para responder a entrevista ou ao ser observado/a. Em caso destas ocorrências o/a pesquisador/a irá oferecer a ele/ela todo o suporte necessário.

Ele/ela não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito dele/a. Também não terá nenhum problema se ele/ela quiser desistir da pesquisa depois de tê-la iniciado.

Caso você tenha alguma dúvida sobre a entrevista, as observações ou necessite de qualquer outro esclarecimento sobre a pesquisa, pode procurar a professora Lílian Aparecida Ferreira, responsável pela pesquisa, pessoalmente ou pelo telefone (14) 99701-3739.

O nome/identificação do/a seu/sua filho/a não aparecerá em nenhum lugar, nem repassaremos as informações dele/a a qualquer outra pessoa. O que for feito ou falado durante a pesquisa ficará guardado em local seguro e arquivado pelo/a pesquisador/a.

Seu/sua filho/a não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa.

Os direitos do/a seu/sua filha serão respeitados, seguindo as orientações da resolução nº 466 de dezembro de 2012 do CNS que tratam do respeito ao ser humano nas pesquisas científica.

Eu \_\_\_\_\_  
autorizo meu/minha filho/a a participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do/a pesquisador/a

Nome da coordenadora da pesquisa:  
Lílian Aparecida Ferreira  
Professora do Departamento de  
Educação Física da UNESP/Bauru  
Fone: (14) 99701-3739 E-mail:  
lilian.ferreira@unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Faculdade de Ciências - Bauri



**AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS JOGOS ESCOLARES: REFLEXÕES  
SOBRE DOIS CENÁRIOS**

*Marília Balduino dos Santos*

---

**Autora: Marília Balduino dos Santos**

---

**Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira**